

## A criminalização da homeopatia não tem base científica

Charles Tesser  
Departamento de Saúde Pública  
Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva  
Centro de Ciências da Saúde -UFSC

O texto de Natália Pasternak contra a homeopatia na página 12 de O Globo de 29/05/2023, vem numa coluna com o título “CIÊNCIA” em letras maiúsculas azuis, com chamada na 1ª página do jornal. Mas o que de ciência tem o texto? Vamos por partes.

No 1º parágrafo, o texto traz uma narrativa de diálogo corriqueiro nada científico: conversas em festas de criança. No 2º parágrafo, o texto traz um resultado de uma pesquisa científica, mas não cita a referência. A ausência das referências do estudo e da instituição (ou links para as fontes) são muito graves, já que obrigatórios e essenciais nas ciências em geral. Todavia, isso pode ter sido uma opção do jornal, que não é um periódico científico, mas então não deveria chamar essa seção de “CIÊNCIA”. Ou pode ter sido omissão da autora do texto, o que seria ainda mais grave, já que se diz pesquisadora universitária, no minicurrículo apenso à matéria. Demos o benefício da dúvida à autora, porém usar o crédito do conhecimento científico sem referir as fontes bibliográficas que tornam a afirmação rastreável pode ser muito mais um recurso de marketing e um argumento de autoridade (de quem diz falar em nome da ciência) do que uma mensagem científica. Isso é muito ruim para uma seção chamada “CIÊNCIA”, ainda que num jornal diário.

No 3º parágrafo, o texto faz um síntese do que considera os dois princípios da homeopatia: o da similitude e da diluição infinitesimal. Novamente, não cita fontes. Poderia ter citado o livro principal do fundador da homeopatia<sup>1</sup>, mas não o faz. E ao final desse parágrafo faz a primeira crítica à homeopatia, diz que ela “tem um processo diagnóstico que não considera as causas das doenças, apenas sintomas”. Retornaremos a isso adiante. O 4º parágrafo é dedicado a criticar os remédios homeopáticos, afirmando que eles “não são avaliados com o mesmo rigor que os medicamentos convencionais”, e nem poderiam, pois após a ultradiluição restaria apenas água.

O 5º, o 6º e o 7º parágrafos são dedicados a afirmar que há uma moda, um glamour e uma propaganda veiculadas por celebridades que atraem muita gente para a homeopatia sob o rótulo dela ser “natural”. Aqui entram Steve Jobs e Tina Turner e o comentário da autora, que finaliza dizendo que a “homeopatia e outras práticas alternativas seguem iludindo, lucrando e matando”. Sem mais argumentos ou fundamentos científicos.

Das 3,5 colunas da página do jornal, as 1,5 finais são dedicadas a “contação de causos” de celebridades e críticas graves à homeopatia. Quase uma coluna fala de festinha de crianças e de uma pesquisa que mostrou que as pessoas comuns não sabem ao certo o que é a homeopatia (sem referências). Sobrou uma coluna e poucas linhas (3º e 4º parágrafos) dedicadas a dois princípios da homeopatia e aos seus remédios, que são criticados. Isso sustenta a crítica extremada final de que a homeopatia segue “iludindo, lucrando e matando”? Quase nada de ciência há no texto a sustentar tal crítica pesadíssima, mas resgatemos esse pouco.

Os dois princípios mencionados da homeopatia, semelhança e diluição infinitesimal, foram resumidamente apresentados corretamente, mas sem contexto e sem conexão com a empiria homeopática. Isso dificulta a compreensão, especialmente

diante de uma grave acusação; do mesmo modo que afirmar que o princípio da medicina convencional de que as doenças são derivadas de lesões macro ou microfísicas no interior do corpo fica menos compreensível se não mencionamos que isso nasceu e se fundamentou na experiência acumulada nos hospitais, que correlacionou os achados das autópsias dos cadáveres dos doentes com os sintomas e sinais que apresentavam antes de morrer - a empiria da correlação anátomo-clínica<sup>2</sup>).

Contextualizemos: um dos princípios homeopáticos é, sim, o da semelhança ou similitude, que afirma (simplificadamente) que um medicamento deve ajudar a curar um adoecimento cujos sintomas sejam semelhantes aos sintomas que esse mesmo medicamento gera ao ser ingerido por um pessoa sadia. Mas isso deve ser conectado com o contexto de sua formulação, com outros princípios da homeopatia ignorados pela autora do texto, e com a experiência empírica que lhe subjaz: a experiência, realizada por gerações de homeopatas, chamada patogenesia ou experimentação em pessoas sadias.

Nesse experiência, se administra remédios homeopáticos em voluntários sãos para registrar quais alterações de sensações e funções eles produzem nas pessoas normais, saudáveis. A diluição dos remédios da época para atenuar seus efeitos tóxicos nos voluntários deu origem ao princípio da dinamização ou ultradiluição, pois se notou que mesmo muito diluídos muitos remédios, feitos de substâncias minerais e vegetais continuam produzindo sintomas nas pessoas sãs que os experimentam. Isso é experimental, um fenômeno observável, e contextualiza empiricamente um princípio que não é mágico, como parece quando apresentado de forma descontextualizada. Pode ser estudado cientificamente? Provavelmente sim, mas pouca atenção parece ter sido dado para essa fundamentação empírica e experimental da homeopatia.

A medicina convencional credita o poder medicinal dos seus remédios à moléculas químicas em concentrações mensuráveis interagindo com partes específicas do organismo humano<sup>3,4</sup>. Embora misterioso e desafiador para o conhecimento científico atual, a possibilidade de ação de ultradiluições não é absurda e vem sendo estudada marginalmente na ciência, com hipóteses que explicariam como poderia uma solução de água por onde passou em diluições e agitações sucessivas um produto medicinal ter um efeito biológico ou medicinal<sup>5,6</sup>.

Cabe mencionar um outro princípio que é o princípio metodológico do medicamento único, resumido facilmente: em vez de administrar uma mistura de remédios simultaneamente a alguém enfermo, os homeopatas clássicos preferem usar apenas um remédio (homeopático) de cada vez. De novo, esse princípio precisa ser contextualizado no universo de saberes da fundação da homeopatia, em cuja época ainda se discutia seriamente dentro da medicina o 'vitalismo', ou seja, a hipótese de que os organismos vivos possuem em si um princípio ou força vital cuja plenitude, equilíbrio e harmonia é responsável pelo estado de saúde e pela realização harmônica das funções dos seres vivos, incluindo os humanos. A homeopatia sempre aderiu à concepção ou filosofia vitalista, depois abandonada pela medicina convencional. Nessa visão, o adoecimento pode derivar de estímulos agressivos ao ou desequilíbrios da força vital, que explicaria os adoecimentos e também seria via de intervenção para a cura. Quando os homeopatas clássicos prescrevem um medicamento a um doente entendem isso como um estímulo reequilibrador da sua vitalidade, cujo desequilíbrio é expresso e percebido por alterações de sensações e funções (sintomas); e o resultado

mais ou menos curativo do estímulo só pode ser atribuído ao remédio se ele for administrado um de cada vez.

Isso torna compreensível, sob outro ângulo, a crítica de Pasternak de que a homeopatia só trata de sintomas, pois os sintomas dão as pistas do desequilíbrio da força vital, e o remédio homeopático seria um estímulo para que essa força vital mais rapidamente se reequilibre, o que proporcionaria a cura. Na empiria (experimentação patogenética e observação clínica) dos homeopatas, isso ocorre tanto mais frequentemente e intensamente quanto mais similar é o remédio usado (nos seus efeitos sobre as pessoas sadias) em relação ao adoecimento (sintomas, percepções e sinais observáveis) do doente.

Por outro lado, a homeopatia – em especial no Brasil, onde é praticada por médicos especialistas reconhecidos oficialmente – não nega as classificações das doenças e, para realizar um tratamento homeopático, o diagnóstico clínico convencional deve ser estabelecido, levando em conta os procedimentos médicos convencionais. Mas o tratamento homeopático não é voltado para a doença cientificamente classificada e reconhecível, e sim para a totalidade sintomática do doente, que é mais ampla do que o diagnóstico médico, incluindo-o. O diagnóstico e seus componentes clínicos e laboratoriais são usados como parâmetros de evolução do tratamento, em certa medida, de modo similar à medicina convencional, embora a homeopatia tenha também outros parâmetros para essa avaliação, considerando a integralidade do sujeito, sua singularidade e subjetividade, desenvolvidos pelas gerações de homeopatas na sua empiria clínica, em teorias e conceitos próprios. Então, embora a escolha do tratamento homeopático não esteja vinculada ao diagnóstico clínico convencional, este diagnóstico está envolvido na condução dos tratamentos homeopáticos.

Quando Pasternak fala que a homeopatia só diagnostica sintomas, e não causas das doenças, ela omite que as causas das doenças na medicina convencional são pouco conhecidas, talvez só as das doenças infectoparasitárias (os microorganismos, vírus e parasitas), hoje um minoria das que mais causam sofrimento e morte no Brasil. E omite também que as alterações corporais estruturais e funcionais diagnosticadas pela medicina convencional não são causas das doenças (crônicas, endocrinológicas, imunológicas, cardiovasculares, cânceres etc), mas definidoras dessas doenças, cujas causas não se conhece em geral, salvo algumas poucas, sendo conhecidos apenas alguns de seus fatores de risco.

O fato de os remédios homeopáticos não serem testados como os da medicina convencional é compreensível não como um defeito dos mesmos, mas como resultado de que eles foram desenvolvidos e testados de forma diferente, em um outro sistema ou racionalidade médica de filosofia vitalista, distinta da medicina convencional<sup>7</sup>.

Usando uma linguagem mais filosófica: na homeopatia os remédios homeopáticos são usados e avaliados em um outro paradigma, usando o conceito de Thomas Kuhn<sup>8</sup>; ou um outro programa de pesquisa científica (usando expressão de Imre Lakatos<sup>9,10</sup>); e de forma diferente dos remédios da medicina convencional. Um paradigma é um conjunto complexo de concepções, métodos, valores, princípios metafísicos, metodologias e práticas de resolução de problemas que logram obter grande hegemonia e mesmo o monopólio de orientação das práticas científicas em determinada época e disciplina científica. Se a homeopatia pode ser acusada de algo, é

de constituir um paradigma distinto do que orienta as práticas de pesquisa e de cuidado clínico da medicina convencional, com formulação própria de uma doutrina vitalista e um sistema diagnóstico e terapêutico bem regrados, embora radicalmente distinto da medicina convencional.

Os homeopatas clássicos entendem as causas das doenças e as próprias doenças de formas diferentes da medicina convencional, usam recursos diferentes de modo diverso para cuidar dos doentes (embora haja alguma similaridade no rigor de produção farmacotécnica dos remédios, só que orientado pela concepção vitalista); e avaliam de formas diferentes os seus resultados<sup>11</sup>. Apesar da quase nenhuma institucionalização científica acadêmica da homeopatia, ela é um sistema médico sobrevivente há dois séculos nas disputas históricas e sociais da medicina ocidental, incluindo sua história no Brasil<sup>12</sup>.

Não há base para a crítica criminalizadora final do texto de Pasternak do ponto de vista científico. Que a medicina homeopática tem limites, isso é claro. E que alguns praticantes não realizam as melhores práticas, provavelmente também. Mas todos os sistemas médicos os têm, assim como têm algumas virtudes e potências. Não há porque defender um império de um paradigma na medicina que tem visíveis problemas, anomalias e limites. Pelo menos desde o final do século XX se defende um pluralismo teórico e de investigações dentro da ciência na área da saúde, com prioridade maior para os resultados e menor ênfase na uniformização teórica. Dentro da literatura médica internacional, o discurso extremo criminalizador das medicinas complementares e alternativas, como as críticas de Pasternak, foi substancialmente modificado na década de 1990, após sucessivos inquéritos populacionais mostrarem que as populações dos países de alta renda, além de usarem a medicina convencional, também procuram, sobretudo nas doenças crônicas, outros modos de cuidado englobados nas chamadas medicinais tradicionais, complementares e integrativas (MTCI), que incluem a homeopatia<sup>13</sup>.

De lá pra cá só crescem exponencialmente as pesquisas, ainda marginais e minoritárias no conjunto das pesquisas na área da saúde, sobre as MTCI, com lenta e parcial legitimação e progressiva institucionalização de várias delas, devido aos fatos dos seus resultados práticos mostrarem substantiva eficácia e segurança (não por suas teorias serem científicas).

A discussão sobre eficácia e segurança da homeopatia é controversa e polêmica. A avaliação de eficácia e segurança na medicina convencional é facilitada metodologicamente pelo uso das mesmas medicações para as mesmas doenças ou sintomas, independentemente das pessoas. Porém, a homeopatia clássica usa um medicamento para a pessoa adoecida e não para a sua doença (indivíduos com mesmas doenças - classificadas pela medicina convencional - podem receber medicamentos homeopáticos diferentes). Para avaliar a homeopatia, os ensaios clínicos precisam de muitas modificações metodológicas, raramente feitas nas pesquisas clínicas sobre homeopatia, que na sua grande maioria testam medicamentos homeopáticos usados de forma convencional, em vez de testar a homeopatia toda (a maneira homeopática de usar os remédios homeopáticos). A grande maioria dos ensaios clínicos que dizem avaliar a homeopatia avaliam na verdade o uso convencional e padronizado de medicamentos homeopáticos para tratar doenças, síndromes ou sintomas. Não é de

estranhar que grande ou mesmo a maior parte desses estudos mostrem resultados precários ou nulos.

Por outro lado, na prática clínica, é difícil a combinação e a complementaridade pretendidas pela “medicina integrativa” no caso da homeopatia, pois a medicina convencional é geralmente apenas supressora de sintomas e mecanismos bioquímicos semiogênicos ou fisiopatogênicos, e a homeopatia é avessa a essa sedação irrestrita de sintomas, propondo uma abordagem diversa pouca aceita. A lógica de uso dos remédios homeopáticos segue as teorias e o vitalismo homeopáticos, e o saber médico é resistente e avesso a dar crédito a outros saberes que não os seus próprios. Quando outros saberes e métodos contradizem os que estão estabelecidos e dominantes, a tendência é enquadrá-los e colonizá-los, ou tentar desqualificá-los e eliminá-los quando resistentes à colonização<sup>14</sup> - o que parece ser a opção de Pasternak. O texto de Pasternak publicado em “O Globo” é uma acusação violenta e grave contra a homeopatia sem fundamento científico. Não deveria estar na seção “ciência” de um grande jornal.

---

<sup>1</sup> HAHNEMANN, S. *Organon of Medicine*. London: Victor Gollancz Ltd., 1986.

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1980.

<sup>3</sup> ALMEIDA, E.L.V. *As Razões da Terapêutica: empirismo e racionalismo na medicina*. Niterói, RJ: EDUFF, 2002.

<sup>4</sup> CAMARGO Jr. K.R. *Biomedicina, ciência & saber: uma abordagem crítica*. São Paulo: Hucitec, 2003.

<sup>5</sup> WAISSE, S. Efeito de ultradiluições homeopáticas em modelos in vitro: revisão de literatura. *Revista de Homeopatia*, v. 80, n. 1-2, p. 57 - 65. 2017.

<sup>6</sup> TEIXEIRA, M.Z.; CARNEIRO, S. Efeito de ultradiluições homeopáticas em plantas: revisão da literatura. *Rev. Homeopat.* v. 80, p.113–132, 2017.

<sup>7</sup> LUZ, MT E BARROS, NF (Org.). *Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde: estudos teóricos e empíricos*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS, 2012.

<sup>8</sup> KUHN T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

<sup>9</sup> LAKATOS, Imre.; MUSGRAVE, Alan. (orgs.) *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix - Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

<sup>10</sup> CHIBENI, S. S. On the scientific status of homeopathy. *British Homeopathic Journal*, v.90, p.92-98, 2001.

<sup>11</sup> HAHNEMANN, S. *Organon of Medicine*. London, Victor Gollancz Ltd., 1986.

<sup>12</sup> LUZ, M. T. *Arte de Curar versus a Ciência das Doenças: História Social da Homeopatia no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Dynamis, 1996.

<sup>13</sup> WHO. *WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO traditional medicine strategy: 2014-2023*. Geneva: World Health Organization, 2013.

<sup>14</sup> SANTOS B S.; MENESES M P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.